

CERTEZA ANTES DO TEMPO: RUMO A UMA FENOMENOLOGIA DA INFORMAÇÃO, DA IDENTIDADE E DA AUTOCONSCIÊNCIA

CERTAINTY BEFORE ITS TIME: TOWARDS A PHENOMENOLOGY OF INFORMATION, IDENTITY, AND SELF-AWARENESS

Lucas Jaued¹

Resumo: Este artigo propõe uma reconfiguração fundacional da Filosofia da Informação ao articulá-la como uma Fenomenologia da Informação, entendida em seu sentido mais fundamental como uma fenomenologia da certeza e da identidade. Com base em um arcabouço teórico centrado na Singularidade da Autoconsciência Informacional (SIA) (JAUED, 2025) e no Princípio da Relação Direta (PRD), o texto sustenta que a certeza intrínseca — concebida como identidade informacional reflexiva e não contrastiva — constitui a condição última de possibilidade da fenomenalidade, da consciência e do significado. A partir desse ponto de vista, a fenomenologia husserliana clássica da consciência interna do tempo (HUSSERL, 1991, 2001), embora indispensável, é mostrada como estruturalmente subsumida por uma fenomenologia mais fundamental da certeza. O artigo integra ainda esse arcabouço aos debates contemporâneos na Filosofia da Informação e no processamento preditivo, reinterpretando o Princípio da Energia Livre (PEL) (FRISTON, 2006, 2009, 2010) como espelhado na própria experiência consciente. Defende-se que a certeza informacional constitui o núcleo irreduzível da consciência, fundamentando a temporalidade, a lógica, a negação e a identidade em níveis superiores. O resultado é uma concepção unificada na qual a informação não é meramente uma medida de redução de incerteza, mas a própria estrutura por meio da qual a realidade se torna

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2018). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas.

fenomenologicamente inteligível a si mesma.

Palavras chaves: certeza, tempo, fenomenologia, informação

Abstract: This article proposes a foundational reconfiguration of the Philosophy of Information by articulating it as a Phenomenology of Information, understood in its most fundamental sense as a phenomenology of certainty and identity. Based on a theoretical framework centered on the Singularity of Informational Self-Awareness (ISA) (JAUED, 2025) and the Principle of Direct Relation (PRD), the text argues that intrinsic certainty—conceived as reflexive and non-contrastive informational identity—constitutes the ultimate condition of possibility for phenomenality, consciousness, and meaning. From this point of view, the classical Husserlian phenomenology of the internal consciousness of time (HUSSERL, 1991, 2001), although indispensable, is shown to be structurally subsumed by a more fundamental phenomenology of certainty. This article further integrates this framework into contemporary debates in the Philosophy of Information and predictive processing, reinterpreting the Principle of Free Energy (PLE) (FRISTON, 2006, 2009, 2010) as mirrored in conscious experience itself. It argues that informational certainty constitutes the irreducible core of consciousness, grounding temporality, logic, negation, and identity at higher levels. The result is a unified conception in which information is not merely a measure of uncertainty reduction, but the very structure through which reality becomes phenomenologically intelligible to itself.

Keywords: certainty, time, phenomenology, information

INTRODUÇÃO: DA FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO À FENOMENOLOGIA DA INFORMAÇÃO

A Filosofia da Informação desenvolveu-se historicamente segundo duas trajetórias

principais. Por um lado, teorias quantitativas — originadas com Shannon (1948) e estendidas por abordagens algorítmicas e probabilísticas — definiram a informação sobretudo em termos de redução de incerteza, surpresa e entropia. Por outro, tradições semânticas e epistêmicas, associadas a autores como Carnap, Bar-Hillel (1953), Dretske (1981) e Floridi (2004, 2005), enfatizaram significado, referência e conhecimento.

Apesar de suas diferenças, ambas as trajetórias compartilham uma limitação decisiva: tendem a tratar a informação ou como uma grandeza formal objetiva ou como uma relação semântica abstrata, deixando amplamente inexplorada a dimensão fenomenológica da informação — isto é, o modo como a informação é constituída, estabilizada e vivenciada a partir da perspectiva da primeira pessoa.

Este artigo sustenta que a Filosofia da Informação alcança sua formulação mais profunda e unificadora quando é reconcebida como uma Fenomenologia da Informação. Mais precisamente, defende-se a tese de que a dimensão fenomenológica mais fundamental da informação é a certeza², entendida não como confiança epistêmica, mas como identidade informacional, coincidência reflexiva e doação intrínseca.

Essa mudança não apenas unifica as abordagens quantitativas e semânticas da informação, como também motiva uma reavaliação da própria fenomenologia. A fenomenologia clássica — especialmente a análise husserliana da consciência interna do tempo — identifica corretamente a temporalidade como central à experiência. Contudo, este artigo argumenta que a própria estrutura temporal pressupõe uma camada mais básica: uma fenomenologia da certeza que fundamenta identidade, fixação e singularidade antes do tempo, da negação e da lógica.

CERTEZA COMO IDENTIDADE INFORMACIONAL

2 Nesse ponto, a abordagem proposta aqui contesta duas intuições fundamentais de duas áreas diferentes. Uma delas é que a incerteza (mas especificamente, a redução de incerteza) constitui o cerne na informatividade, e que a articulação temporal é a base mais fundamental a experiência fenomenológica (Fresco & Michael, 2016; Haj-Bolouri, 2025; Huang, 2025).

Em seu nível mais básico, a certeza não é nem um sentimento psicológico nem uma atitude epistêmica em relação a proposições. A certeza é uma estrutura informacional: a coincidência reflexiva de um sistema consigo mesmo. Trata-se da identidade entre representação e representado, entre ato e conteúdo, entre a experiência e sua própria ocorrência.

Sob essa perspectiva, a informação não pode ser definida exhaustivamente em termos de redução de incerteza. Ao lado da dimensão informacional clássica associada à novidade e à surpresa, existe uma dimensão complementar e igualmente fundamental: a informação da certeza. A certeza é informativa não porque introduz diferença, mas porque constitui e estabiliza identidade. É por meio da certeza que algo pode ser especificado, unificado e mantido como aquilo que é.

Essa intuição é formalizada pelo Princípio da Relação Direta (PRD), segundo o qual a magnitude informacional é diretamente proporcional à certeza. Enquanto a teoria clássica da informação capta o papel informacional da incerteza por meio de relações probabilísticas inversas, o PRD³ capta o papel informacional da certeza enquanto fixação da identidade.

Crucialmente, a certeza nesse sentido não é contrastiva. Ela não pressupõe negação, oposição ou exclusão. É intrinsecamente reflexiva, não dual e não relacional. Como tal, constitui a operação informacional mais elementar realizada pela consciência e, de modo mais geral, por sistemas auto-organizantes capazes de autorreferência.

A SINGULARIDADE DA AUTOCONSCIÊNCIA INFORMACIONAL (SIA)

A Singularidade da Autoconsciência Informacional (SIA) expressa a tese de que a autoconsciência está fundamentada em uma estrutura informacional singular caracterizada por

3 O Princípio de Relação Direta (PRD) constitui uma forma de inversão do Princípio de Relação Inversa (PRI) como proposto por Barwise (1997). O princípio de Barwise representa, ou captura, uma intuição antiga e fundamental sobre o conceito de informação. Intuição esta que subjaz inúmeras teorias clássicas da informação. Por exemplo, teorias como as de Shannon (1948), Kolmogorov (1965), Carnap and Bar-Hillel (1953), Dretske (1981), Floridi (2004, 2005) entre outras.

certeza intrínseca e identidade reflexiva. Em seu nível mais fundamental, a autoconsciência não resulta de inferência, comparação ou correção de erro preditivo. Ela emerge da autoco incidência.

Fenomenologicamente, essa singularidade manifesta-se na imediaticidade da existência em primeira pessoa, exemplificada por juízos como “eu sou” ou “eu existo”. Estes não são meramente verdades analíticas no sentido lógico. São identidades fenomenológicas que fundamentam toda atividade cognitiva, epistêmica e inferencial subsequente.

Nesse quadro, a certeza adquire um papel construtivo. Ela significa constituição, unificação e estabilização do eu. Informacionalmente, a certeza corresponde à criação de estrutura por meio de simetria interna e autorreferência recursiva. Ela é o correlato informacional da persistência da identidade contra a desintegração.

A FUNÇÃO-ESPELHO: SIA E O PRINCÍPIO DA ENERGIA LIVRE

A SIA pode ser compreendida como um espelhamento do Princípio da Energia Livre (PEL) (FRISTON, 2009, 2010, 2013, 2016, 2018) no nível da experiência consciente. Enquanto o PEL descreve como sistemas biológicos minimizam incerteza e mantêm a homeostase em nível subpessoal, a SIA reflete essa dinâmica no interior da própria fenomenologia.

Na experiência consciente, o sistema não apenas reduz incerteza sobre o mundo; ele gera informação sobre si mesmo. Esse processo pode ser descrito como a produção de informação livre, por analogia com a energia livre. Assim como sistemas biológicos geram entropia por meio de processos físicos, a consciência gera estrutura informacional por meio da certeza reflexiva.

Essa reinterpretação desafia leituras redutivas⁴ do processamento preditivo. A consciência não é meramente um sistema de alarme passivo que sinaliza desvios em relação a estados esperados. Ela constitui ativamente significado e identidade ao aumentar a certeza sobre si mesma. Ao fazê-lo, alcança uma autonomia relativa em relação à otimização puramente biológica.

4 Ver, por exemplo, Friston (2022), Solms (2019, 2021), Friston e Solms (2018).

INVERSÃO MATEMÁTICA E O PRINCÍPIO DA RELAÇÃO DIRETA

Essa função-espelho implica uma inversão matemática das fórmulas informacionais clássicas. No quadro de Shannon (1948), a informação aumenta à medida que a probabilidade diminui:

No contexto da SIA, a geração informacional é, ao contrário, proporcional à certeza. Isso é capturado pelo Princípio da Relação Direta (PRD):

À medida que a probabilidade se aproxima de um, a magnitude informacional tende ao infinito. A certeza, e não a surpresa, torna-se maximamente informativa. Essa inversão não rejeita a teoria clássica da informação, mas revela um regime complementar: aquele que governa a autoconsciência e a identidade, e não a transmissão externa de sinais.

FENOMENALIDADE E A PRIORIDADE DA CERTEZA

Tudo aquilo que aparece fenomenologicamente deve ser para poder aparecer. Aparência sem ser é ininteligível. Por essa razão, a fenomenalidade é inseparável da certeza: aparecer é aparecer como algo que é.

Crucialmente, o que aparece não é inicialmente dado como incerto, negativo ou relativo. Incerteza e negação só podem aparecer como modificações de algo já dado com certeza. A aparição da incerteza é a certeza da incerteza; a aparição da ausência é a presença da ausência.

Isso estabelece uma assimetria fundamental: a certeza fundamenta a fenomenalidade, ao passo que a incerteza a pressupõe. O campo fenomenológico não é, portanto, um campo de indeterminação, mas um campo de positividade intrínseca.

IDENTIDADE REFLEXIVA E SINGULARIDADE PRÉ-LÓGICA

No nível mais fundamental, a certeza fenomenológica assume a forma de identidade reflexiva:

um estado coincide consigo mesmo. Essa coincidência não envolve comparação, discriminação ou exclusão. Não há ainda um “isto em vez daquilo”, pois nenhuma alternativa foi posta.

Esse nível de identidade é:

- a-dual
- não relacional
- não contrastivo
- não negacional
- puramente reflexivo

Trata-se de uma identidade formal, e não factual. Ela nada afirma sobre o mundo externo, não exclui possibilidades e não carrega condições de verdade⁵. Em vez disso, constitui o próprio indivíduo — singularizando, estabilizando e unificando a experiência.

Como nenhuma negação está presente, o Princípio da Não-Contradição não se aplica. A identidade aqui é autocoincidência fenomenológica, não identidade lógica.

A EMERGÊNCIA DA NEGAÇÃO E O ESTATUTO DERIVADO DA LÓGICA

Negação, contraste e exclusão emergem apenas em um nível superior de identidade. Quando a negação é introduzida, o Princípio de Identidade é suplementado pelo Princípio da Não-Contradição. A identidade torna-se excludente: ser isto é não ser aquilo.

Nesse nível derivado surgem:

- contraste
- negação

5 A ideia de não carregar condições de verdade significa aqui que o conteúdo é em si necessariamente verdadeiro. Ou bem se exclui todas as alternativas possíveis, ou não há alternativa alguma a ser excluída, de modo que, não faz sentido falar em condições de verdade (WITTGENSTEIN, *Tractatus*, 4.461).

- oposição lógica
- proposições analíticas no sentido clássico
- condições de verdade
- exclusão de alternativas

Portanto, nesse sentido, a lógica não é fundacional, mas derivada. Ela elabora uma estrutura que já está ancorada em uma certeza pré-lógica. A força cognitiva das proposições analíticas deriva, em última instância, dessa identidade fenomenológica subjacente.

DO TEMPO À CERTEZA: SUBSUMINDO A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Husserl identificou a consciência interna do tempo como o fundamento último da fenomenologia, da consciência (Husserl, 1991). Retenção, protensão e presente vivo articulam o modo como a experiência se desdobra.

Essa análise é indispensável — mas incompleta. A continuidade temporal pressupõe identidade; a retenção pressupõe fixação; a duração pressupõe estabilidade⁶. A certeza é, portanto, logicamente anterior ao tempo, ainda que a temporalidade seja fenomenologicamente co-dada.

O tempo descreve como a experiência se desdobra. A certeza explica por que o desdobramento é possível.

CONCLUSÃO: CERTEZA ANTES DO TEMPO

Este artigo defendeu que a estrutura mais fundamental da consciência não é o tempo, a negação ou a inferência, mas a certeza fenomenológica intrínseca. Fundada na identidade reflexiva

6 Colocado de modo mais geral, a retenção, a impressão primordial e a protensão como a estrutura mínima da consciência (Husserl, 1991) pressupõe a identidade fenomenológica, sua constituição, fixação e estabilidade.

e articulada pela Singularidade da Autoconsciência Informacional, a certeza precede a lógica, a temporalidade e a incerteza.

Ao reconhecer a Filosofia da Informação como uma Fenomenologia da Informação, obtemos um quadro no qual a informação não é meramente a redução da incerteza, mas a própria estrutura por meio da qual a realidade se torna inteligível a si mesma. A certeza não é a ausência de informação, mas sua forma mais fundamental.

Nesse sentido, a certeza vem antes do tempo — e antes da lógica, da negação e do próprio significado.

REFERÊNCIAS

BARWISE, Jon; SELIGMAN, Jerry. *Information flow: the logic of distributed systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. (Cambridge Tracts in Theoretical Computer Science, 44).

CARNAP, Rudolf; BAR-HILLEL, Yehoshua. *An outline of a theory of semantic information*. Cambridge, MA: MIT Research Laboratory of Electronics, 1953. 48 p. (Technical Report, 247).

CLARK, Andy. *Surfing uncertainty: prediction, action, and the embodied mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

DRETSKE, Fred I. *Knowledge and the flow of information*. Cambridge, MA: MIT Press, 1981.

FLORIDI, Luciano. Is information meaningful data? *Philosophy and Phenomenological Research*, [S. l.], v. 70, n. 2, p. 351–370, mar. 2005.

FLORIDI, Luciano. Information. In: ZALTA, Edward N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Winter 2004 ed. Stanford: Stanford University, 2004. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2004/entries/information/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

FRESCO, Nir; MICHAEL, M. Information and veridicality: information processing and the Bar-Hillel/Carnap paradox. *Philosophy of Science*, [S. l.], v. 83, n. 1, p. 131–151, 2016.

FRISTON, Karl. A theory of cortical responses. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B*, [S. l.], v. 360, p. 815–836, 2005.

FRISTON, Karl. The free-energy principle: a unified brain theory? *Nature Reviews Neuroscience*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 127–138, 2010.

FRISTON, Karl. What is optimal about motor control? *Neuron*, [S. l.], v. 72, n. 3, p. 488–498, 2011.

FRISTON, Karl. Life as we know it. *Journal of the Royal Society Interface*, [S. l.], v. 10, e20130475, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1098/rsif.2013.0475>.

FRISTON, Karl. Am I self-conscious? *Frontiers in Psychology*, [S. l.], v. 9, art. 579, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00579>.

FRISTON, Karl. Consciousness is not a thing, but a process of inference. *Aeon*, 2016. Disponível em: <https://aeon.co/essays/consciousness-is-not-a-thing-but-a-process-of-inference>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FRISTON, Karl; ADAMS, Rick A.; PERRINET, Laurent U.; BREAKSPEAR, Michael. Perceptions as hypotheses: saccades as experiments. *Frontiers in Psychology*, [S. l.], v. 3, art. 151, 2012.

FRISTON, Karl; BREAKSPEAR, Michael; DECO, Gustavo. Perception and self-organized instability. *Frontiers in Computational Neuroscience*, [S. l.], v. 6, art. 44, 2012.

FRISTON, Karl; KIEBEL, Stefan J. Predictive coding under the free-energy principle. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, [S. l.], v. 364, p. 1211–1221, 2009.

FRISTON, Karl; KILNER, James; HARRISON, Lee. A free energy principle for the brain. *Journal of Physiology – Paris*, [S. l.], v. 100, p. 70–87, 2006.

FRISTON, Karl; THORNTON, Christopher; CLARK, Andy. Free-energy minimization and the dark-room problem. *Frontiers in Psychology*, [S. l.], v. 3, p. 1–7, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2012.00130>.

HAIJ-BOLORI, Ali. The “immersed flesh”: a phenomenological conceptualization of immersive virtual reality embodiment. *ACM SIGMIS Database: the DATABASE for Advances in Information Systems*, [S. l.], v. 56, n. 2, p. 13–30, 2025.

HOHWY, Jakob. *The predictive mind*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HUSSERL, Edmund. *On the phenomenology of the consciousness of internal time (1893–1917)*. Tradução de John B. Brough. Dordrecht: Kluwer, 1991.

HUSSERL, Edmund. *Analyses concerning passive and active synthesis*. Tradução de Anthony J. Steinbock. Dordrecht: Kluwer, 2001.

HUSSERL, Edmund. *The phenomenology of internal time-consciousness*. Bloomington: Indiana University Press, 2019.

JAUED, Lucas. Informational singularity of self-consciousness. *TPM – Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, [S. l.], v. 32, n. S8, p. 675–679, 2025. Publicado em: 5 nov. 2025.

KANT, Immanuel. *Critique of pure reason*. Tradução de Paul Guyer; Allen W. Wood. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KOLMOGOROV, Andrey Nikolaevich. Three approaches to the quantitative definition of information. *Problems of Information Transmission*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–7, 1965.

LINSKY, Leonard. *Names and descriptions*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

SALMON, Nathan. Naming, necessity, and beyond. *Mind*, [S. l.], v. 112, n. 447, p. 533–574, 2003.

SALMON, Nathan. *Reference and essence*. Amherst, NY: Prometheus Books, 2005.

SHANNON, Claude E. A mathematical theory of communication. *The Bell System Technical Journal*, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 379–423, jul. 1948.

SOLMS, Mark. *The hidden spring: a journey to the source of consciousness*. New York: Norton, 2021.

SOLMS, Mark; FRISTON, Karl. *How and why consciousness arises: some considerations from*

physics and physiology. *Journal of Consciousness Studies*, [S. 1.], v. 25, n. 5–6, p. 202–238, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

